

MANO FRANCISCO

SERTÃO INÓSPITO! O mais inóspito de todos os sertões cearenses. Quando os primeiros povoadores o contemplaram, descendo das serras que se elevam do lado de Leste, vasto e queimado de sol, quase sem árvores, com uma muralha de montanhas azuis ao fundo, tal parecença lhe acharam com as rechãs escaldantes da África que o denominaram sertão de Mombaça.

Pois eu o atravessei, há muitos anos, entre seca e inverno, nos fins de água. Nos ramos enegrecidos dos arbustos, ainda palpitavam folhas amarelas, e lá uma, ou outra touceira de capim verde enodoava o tom triste da pastagem acamada. Após um dia de calor intenso, passado a cavalo, cheguei mais ou menos pelas quatro horas da tarde a uma casa de telha e taipa, entre altas umburanas-de-cheiro, encostada a longo chiqueiro de bodes.

— Ó de casa!

— Ó de fora! respondeu-me lá de dentro uma voz feminina.

À porta, logo se apresentou uma mulher morena, de olhos claros, moça e nada feia, mas com um grande gilvaz cortando-lhe de alta-baixo a face direita. Perguntou-me:

— Que deseja?

Respondi:

— Vou para a fazenda do Bento Alves, daqui a três léguas, mas, como estou com muita fome e lá só poderei chegar ao anoitecer, desejava que me dessem qualquer coisa para jantar. Pagarei bem.

Por trás da mulher surgiu um rosto tostado e enérgico de sertanejo, de cabelos alourados, que falou:

— “Desapeie”, moço, “o de-comer está botado” e vosmincê janta com a gente. É jantar de pobre e dado de coração, “mas porém”, se faz questão de pagar, será melhor ir bater noutra porta. “Desapeie”, moço.

Apeei-me e prendi o cavalo pelo cabresto a uma estaca do chiqueiro. Desapertei-lhe a cilha e dei-lhe água numa cuia. Depois, tirei-lhe o freio e pus-lhe o embornal de milho ao focinho. Entrei na casa de chapéu na cabeça, mas sem esporas, em sinal de consideração pelo dono, segundo o "estatuto" da terra. A comida constava de jerimum cozido, leite de cabra, farinha e rapadura, tudo em pratos de louça grosseira e coités, sobre um couro de boi, no chão. Sentei-me no barro batido, com os dois e conversamos. Disse de onde vinha e para onde ia. Soube que viviam ali sozinhos, eram casados e não tinham filhos.

Ao meio da refeição, um urro selvagem, como de onça com fome, fez-me estremecer, arrepiou-me de horror. Mas tal era a placidez dos dois que pensei tratar-se de alguma sussuarana mansa, amarrada, ou engaiolada, do lado traseiro da casa. Mais duas vezes, o mesmo berro horrível ecoou ali próximo. Perguntei o que era. Sorriram amarelo e não me responderam. Com certo esforço, consegui ficar calmo como eles.

Findo o jantar, acendi o cachimbo e saí ao terreiro com o matuto. Dei, devagar, conversando, volta à casa, espicaçado pela curiosidade de saber que uivo pavoroso era aquele.

Do lado da cozinha, sob uma das folhudas umburanas, deparei com uma coisa medonha. Era um monstro de forma humana, nu, com uma tanga de estopa em farrapos, uma tira de couro cru ao pescoço, outra na cintura, das quais pendiam correntes que o ligavam ao tronco forte da árvore. Tinha os olhos encovados, barbas e unhas crescidas, folhas secas misturadas aos longos cabelos desgrenhados. Dava pulos maquinais, como os macacos presos, escancarando as mandíbulas armadas de dentes amarelos. Uivou de novo, longamente!

Nisto, a mulher saiu de casa, com uma cuia de comida numa das mãos e um cacete de jucá na outra. Afugentou o "bicho" com o pau e colocou a cuia sobre uma forquilha de três pontas. Afastou-se. Aquele ente pavoroso dirigiu-se, então, para o alimento e devorou-o bestialmente, com a cara dentro da cuia!

Fiquei gelado e olhei com assombro para o sertanejo, que, parando e cravando nas minhas as escuras pupilas penetrantes, disse com a maior naturalidade:

— Coitadinho! É o mano Francisco. Teve uma porção de doenças feias na cidade de Barbalha, onde estava trabalhando, veio tratar-se em casa e elas lhe subiram para a cabeça. Não houve cabeça-de-negro que lhe desse jeito, nem sangria, nem reza-forte, nem benzedura! Ficou doido varrido e deu para querer matar todo o mundo. Vosmincê não viu aquele talho na cara da Mundica? Foi obra dele, com a machadinha de rachar lenha! Ela custou muito a ficar boa, quase

morre! Prendemos ele na camarinha, de mãos amarradas, porque as paredes de taipa não agüentariam ele solto. Pois roeu as cordas com os dentes, arrombou a parede e fugiu. O Tônico, nosso irmão mais velho, quis segurá-lo e ele o matou com a mão-de-pilão! Pedimos socorro ao delegado de Humaitá, mas nem “mode coisa”, a polícia não fez nada. Fomos obrigados a “requerer o adjutório” do compadre Teotônio do Saco da Velha, que veio aqui com três vaqueiros. Caçamos mano Francisco no mato, pegamos ele trepado numa oiticica, amarramos o desgraçado e faz mais de ano que “véve” debaixo daquele pé de pau. Já descascou a umburana toda com as unhas! Tem uma força! Quando está com fome, urra como vosmincê ouviu e tempo de lua faz um barulho que não deixa ninguém dormir!

O meu informante aproximou-se mais do meu ouvido e murmurou:

— Ele está convencido que virou leão!

Depois, sorriu, dolorosamente, e acrescentou:

— A gente é pobre e não tem recursos “mode” levá-lo para o asilo da cidade do Forte. Mesmo “dizque” lá dão surras nos doidos até matá-los. Por isso, ele não tem outro jeito senão ficar ali até Deus ser servido levá-lo para o céu. Pobre mano Francisco! era tão bonzinho!

Voltei, trêmulo, à frente da casa, preparei o cavalo e parti. Só despertei da meditação melancólica que me envolveu, quando, do alto dum cerro, avistei as luzes da fazenda do Bento Alves. E nunca mais passei por aquele sertão.